

**NARRATIVAS DE FOBOS E PROGNÓSTICOS DO PORVIR:
ESCRITURAS DE UMA HISTÓRIA DO MEDO DAS SECAS NO
NORDESTE E NA COMUNIDADE RETIRO – BARRA DE
SANTANA – PB**

João Paulo Karol Guerra Araújo¹

Faculdades Integradas de Patos- FIP

Janduy Guerra Araújo²

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Resumo: Neste artigo, pretendemos investigar algumas representações do medo das secas no Nordeste e na comunidade rural Retiro, município de Barra de Santana, PB. Primeiramente, fizemos um percurso sobre diversas escritas do século XX, incluindo às literárias, tentando demonstrar que, ao lado dos cenários de seca que passaram a projetar uma imagem do Nordeste, emergiram também outras representações, incluindo-se o medo das secas. Depois, investigamos algumas representações desse medo da (des)ordem das secas na comunidade Retiro. Nesse cenário, tentamos compreender as práticas tradicionais de previsão do tempo vindouro, bem como a apropriação, pelos moradores, das previsões meteorológicas. Verificamos nessa escrita que os prognósticos do porvir estão inscritos em uma história das sensibilidades e do medo de condições climáticas adversas, especialmente às secas.

Palavras-chave: Prognósticos do Porvir; Medo das Secas; Nordeste.

Narratives of phobos and prediscions of the future: scripture of a history of fear of drought in the Northeast and Retiro Community, Barra de Santana, PB

Abstract: This article aims to investigate some representations of fear of droughts in the Northeast and in rural community retreat, the Barra de Santana - PB. First we did a course over several writings of the twentieth century, including the literary, trying to show that alongside scenarios of drought that began to project an image of the Northeast, other representations have also emerged, including the fear of drought. Then, we investigate some representations that fear of (dis) order of droughts in the community retreat. In this scenario, we try to understand the traditional practices of weather to come, as well as ownership, the residents of the weather forecast. We

1 Licenciado em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Pós-Graduando em História do Brasil e Paraíba pelas Faculdades Integradas de Patos, (FIP). Contato: jp.guerra.historia@gmail.com.

2 Mestre em Meteorologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Doutor em Engenharia Mecânica pela UFPB. Professor do Departamento de Matemática da UFCG – Campus Sumé. Contato: janduy.guerra@gmail.com.

verified this writing that the predictions of the future are enrolled in a history of sensitivity and fear of adverse weather conditions, especially droughts.

Keywords: Predictions of the Hereafter; Fear Drought; Northeast.

Introdução

Este texto nasceu de um desejo bem particular: lançar um olhar histórico sobre determinadas práticas de previsão do tempo no Nordeste e na comunidade rural Retiro, município de Barra de Santana, PB. Emergiu do prazer em escrever sobre práticas que eu testemunhei desde a minha infância e adolescência, quando eu morava no Retiro. Esse texto, portanto, é resultante de uma história da qual sou também testemunho, das “experiências” do meu pai e dos meus ex-vizinhos em relação à previsão do tempo vindouro. Mas é também um texto que parte de novas perguntas acerca dessas práticas, já que em minha pesquisa monográfica tive a oportunidade de escrever sobre elas: agora, volto meu olhar para as práticas de previsão do tempo associando-as a uma possível história do medo e, portanto das sensibilidades. Para operacionalizar este exercício historiográfico, tentarei me conectar com textos literários, com poemas, como é o caso de *A Triste Partida*, de Patativa do Assaré, com os depoimentos dos moradores da comunidade Retiro, cujas sensibilidades inspiraram esse trabalho, com diálogos que faço com o que já escrevi sobre o tema. Tal como Albuquerque Jr. (2009) descreveu o ofício do historiador, tentarei escrever esse texto inspirado num trabalho de artesão do tempo. Espero que os resultados dessa escrita sejam úteis e contribuam para dar mais visibilidade aos sujeitos sociais nela envolvidos, para que as práticas desses sujeitos não sejam ofuscadas, para que se compreenda esse tempo pelas representações nele construídas.

Assim, dialogando com Jean Delumeau (1989), que pensou com certo ineditismo para a historiografia do século XX, as escrituras de uma “História do medo no Ocidente”, me proponho a analisar, dentro da multiplicidade de objetos que podem ser investigados com esse enfoque, algumas representações do medo das secas no Nordeste e na comunidade rural Retiro, município de Barra de Santana, PB. Para esse último espaço, não estabelecerei uma temporalidade fixa, mas irei privilegiar, sobretudo, os anos pós 1992, quando os moradores do Retiro têm acesso à eletricidade e, com ela, a mais um saber sobre o clima: o saber científico, meteorológico, fornecido através da

mídia televisiva. Para as representações do medo no Nordeste, analisarei algumas narrativas do século XX, entre as quais a literatura e a história.

Em relação ao Retiro, tentarei mostrar, para esse espaço/tempo, como os moradores da comunidade em questão reagem diante do perigo das secas, as quais com certa regularidade se fazem presentes na comunidade. Em um trabalho recente, intitulado “*Das previsões tradicionais aos prognósticos científicos: Os saberes sobre o clima na comunidade rural Retiro – Barra de Santana –PB*”, investiguei o imenso repertório de práticas de previsão do tempo vindouro na comunidade, dando enfoque a relação entre o saber dito “popular” e o saber científico sobre o clima. Analisei as mudanças desencadeadas com a chegada do saber meteorológico na comunidade a partir do ano de 1992, com o advento da energia elétrica e o acesso dos moradores às previsões meteorológicas diárias fornecidas pela televisão. Averigüei também a construção histórica dos saberes sobre o clima no Retiro, mas principalmente os diálogos e disputas entre esses saberes a partir de 1992. Verifiquei como o discurso científico, revestido de relações de saber/poder tenta construir uma arqueologia para esses saberes, cujos artifícios estão envoltos nas tentativas de eleger, legitimar o seu paradigma e desqualificar, soterrar o saber dito “popular”.

Ao me propor a analisar as relações entre o saber dito popular e o saber científico no Retiro, pretendia avaliar através da história oral, as visões, as práticas, os diálogos, as reações dos moradores do Retiro a um saber científico que se anunciava como o verdadeiro. Pensei que iria encontrar nas suas falas um cenário geral de resistência aos discursos da meteorologia sobre o clima e uma apologia às suas práticas, que eu imaginava serem de ordem coletiva. Foi um engano. Ao final da pesquisa, verifiquei uma multiplicidade de opiniões a respeito dos dois tipos de saberes em questão: enquanto alguns entrevistados questionavam o saber meteorológico, outros reconheciam a positividade e os limites desse saber. As reações dos entrevistados direcionavam-se também para questionar a validade de algumas previsões tradicionais, já que as “experiências” de alguns “profetas do clima” eram desqualificadas por seus pares. A pesquisa revelou que cada um morador tem a sua preferência por determinada “experiência”, apesar de que nem sempre elas se excluem.

A partir desses dados, que apresentam o cenário de uma nova narrativa, proponho-me agora a construir uma nova escritura sobre a comunidade rural Retiro, dando enfoque principalmente às sensibilidades que envolvem as práticas de previsão do clima, entre as quais o medo das secas. Para isso, recorrerei ao campo da oralidade,

tentando tornar inteligíveis as representações construídas pelos moradores acerca dessas práticas.

Antes disso, porém, apresento outro objeto que comporá a primeira parte do texto. Aqui, analisarei quais as conexões dos saberes do clima no Retiro com “experiências” análogas anunciadas em diversas narrativas do século XX sobre o Nordeste, quando essa Região começou a ser gestada e cartografada, como geografia, por excelência, das secas. Buscarei entender qual a “representância” das práticas de previsão do tempo na configuração dos espaços construídos e a associação delas a uma história do medo das secas que também estão no Retiro.

Tessituras do medo nas narrativas sobre o Nordeste: a (des)ordem das secas e suas representações.

Parece-nos que o medo, analisado em diferentes aspectos e em múltiplos espaços e tempos, configura um tempo de (des)ordem na sociedade, de caos, onde os sujeitos sociais envolvidos vivem um período de inquietação. Pensando sobre os medos de outrora e os medos de hoje, o mal estar de uma epidemia generalizada como a Peste Negra na Idade Média ou uma grande seca no Nordeste no tempo presente, por exemplo, percebe-se que esses eventos fazem as pessoas criarem símbolos que exprimem o caráter aterrorizante de tais acontecimentos. Ilustrando o primeiro caso, pintores como Giovanni di Paolo e outros anônimos³, escritores como Giovanni Boccaccio (1956) representaram a desordem social da Peste usando uma linguagem própria que apresentava aquele cenário. Ele era também a chave do entendimento coletivo sobre a tortura de viver diante do temor da morte. Vemos nessas representações ataúdes, cemitérios, danças macabras, esqueletos, pessoas em estado de penúria sendo consumidas pela morte que emana do céu sob flechas que caem sobre elas, etc. Desenha-se um cenário de horror, que reduz os homens a um estado mínimo e os coloca com temor diante do sobrenatural. Isso nos faz pensar se esse imaginário e essas representações não são comuns também no segundo caso: o cenário das catástrofes climáticas aqui no Nordeste, especificamente as secas.

Entendemos que, para os dois casos, o mundo real não pode ser apreendido enquanto tal, mas o sentido desse real pode ser captado, pois ele é construído por meio

3 As referências dessas pinturas foram extraídas de DUBY, Georges. **Ano 1000, ano 2000 no rastro dos nossos medos**. São Paulo: Unesp, 1998.

de representações, isto é, um sistema de ideias e imagens que dá significado a realidade de tal maneira (PESAVENTO, 1995).

A par disso, estabeleceremos um foco nas imagens mentais que são construídas a partir da relação homem/natureza para tentar entender os significados das imagens e representações construídas nessa relação.

Começamos, pois, por algumas fontes literárias do século XX, visto que se percebe em muitas narrativas, sobretudo as que foram construídas tendo como cenário o Nordeste, representações caóticas que produzem uma dada imagem da Região e que são configuradas em torno das secas. Encontramos os traços desse imaginário em vários lugares de produção discursiva tais como os que estão presentes em *Vidas Secas* (1938) *O Quinze* (1930) e no poema *A Triste Partida* (1986), escritos por Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Patativa do Assaré, respectivamente.

Consideramos que as obras literárias configuram-se como uma importante fonte para o historiador, pois, embora não estejam comprometidas em analisar a veracidade dos fatos, as narrativas não são construídas sob um vazio histórico. Conforme Chartier (1991), elas representam um passado a partir da leitura subjetiva de um determinado autor (ou ator). Quem é um autor senão um ser que antecede uma dada narrativa e que faz uma leitura do mundo em que vive e o representa de múltiplas maneiras? Comungamos também com a ideia de Pesavento (2007), segundo a qual:

*(...) a literatura é fonte de si mesma enquanto escrita de uma sensibilidade, enquanto registro, no tempo, das razões e sensibilidades dos homens em um certo momento da história. Dos seus sonhos, medos, angústias, pecados e virtudes, da regra e da contravenção, da ordem e da contramão da vida. A literatura registra a vida. Literatura é, sobretudo, impressão de vida.*⁴

Entendemos assim que o texto literário é uma forma diferente de dizer o passado através de metáforas, metonímias, sinédoques, sinestésias, etc. Assim, o pano de fundo de qualquer texto, inclusive o literário é, pois, histórico. É necessário entender também, que essas narrativas não são naturais, mas que, cada uma ao seu modo, representa um dado tempo e um dado espaço de certa maneira, de acordo com as intencionalidades de quem as produz.

Um aspecto comum das três narrativas anunciadas acima nos interessa em particular, pois expõe a produção de determinados saberes sobre o clima através das

4 PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades na história:** memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 262.

sensibilidades dos sujeitos sociais envolvidos, configurando-se como um imaginário social do clima. Ao lado desse imaginário, aparece outro repertório de imagens que desenham o período das secas de uma dada forma, às vezes próxima às imagens medievais sobre as catástrofes provocadas pelas pestes e pelas guerras, que se configuram, para a época, como um período de desordem.

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos apresenta um cenário desolador sobre o qual contracenam seus personagens. O autor fala de uma geografia caótica, com uma vegetação rala, cinzenta, sem sombras. Ao percorrer seu caminho como retirante, o personagem Fabiano caminha entre ossos, entre bichos moribundos que se apresentam aos urubus (RAMOS, 1938). Esse conjunto de imagens, assim como outras que estão presentes em toda a obra, dá a narrativa um caráter subjetivo que conduz o leitor a pensar aquela geografia como um cenário de morte. Essa representação, assim como outras, como demonstrou Albuquerque Jr. (2001), contribuíram, inclusive, para estereotipar a região Nordeste do Brasil, em anos posteriores, com imagens semelhantes. Para este autor, as imagens dessa região foram cristalizadas por um passado visível e dizível de certa maneira, alimentando ainda hoje o preconceito sobre os sujeitos sociais desse espaço. É possível enxergar na narrativa *O Quinze*, de Rachel de Queiroz e em outras escritas imagens parecidas.

A grande contribuição de Albuquerque Jr., na obra *A Invenção do Nordeste*, talvez tenha sido a de mostrar que o Nordeste foi exposto e inventado para outros sujeitos sociais a partir de generalizações produzidas pela literatura, pela música, pelas pinturas, etc. O autor não isenta sequer os nordestinos, que também deram a sua parcela de contribuição para a construção dessa imagem. Aliás, o foco principal de Albuquerque Jr., ao analisar essas obras, é o deslocamento das próprias narrativas para o que está por traz delas, os interesses que estão em jogo quando se pensa em determinadas escrituras sobre a região.

Ciente de que o Nordeste não pode ser dizível a partir de generalizações, de imagens cristalizadas, também não podemos negar a ausência das secas na Região e seus efeitos, muitas vezes devastadores. No entanto, reconhecemos, assim como diversos autores, que o problema do Nordeste não está reduzido a determinadas características geográficas e climáticas. O problema está muito mais nas desigualdades sociais existentes que foram sendo construídas historicamente. (ALBUQUERQUE JR.(1985), MARIANO NETO (1999), COSTA (2003).

Ao colocar isso, não queremos negar o problema das secas, pois um período prolongado de estiagem atinge o mais rico e o mais pobre, o grande latifundiário e o pequeno lavrador. É claro que o efeito sobre este último é muito maior. Assim, a seca representa um período de desordem, de caos, e acaba mobilizando os sujeitos envolvidos a resolverem, ou pelo menos, amenizarem os seus efeitos. Todos se mobilizam então para superar esse período de insegurança. Pensando nas sensibilidades associadas a esse sentimento, Delumeau (1989, p. 19) aponta que: “A necessidade de segurança (...) está na base da afetividade e da moral humanas. A insegurança é símbolo da morte e a segurança é símbolo da vida”.

Isso nos leva a indagar se o apego ao sobrenatural não seria uma alternativa viável para as pessoas que sofrem os efeitos de uma grande seca e se essa experiência não seria uma mobilização contra o medo? A respeito disso, Duby (1998, p. 15), ao discutir as catástrofes climáticas na Europa medieval, defende que:

Junto à cultura dos membros da Igreja existiam, também, uma cultura guerreira e uma cultura camponesa – são dominadas pelas mesmas angústias em relação ao mundo. Elas partilham um sentimento geral de impotência para dominar as forças da natureza. A cólera divina pesa sobre o mundo e pode manifestar-se por este ou aquele flagelo. O que conta é essencialmente garantir a graça do céu⁵.

Percebe-se que junto às angústias, à insegurança, e, portanto, ao medo que acompanha esses dois sentimentos, o poder divino aparece como escudeiro do perigo. Em certas comunidades rurais no Nordeste do Brasil, é comum a realização de procissões, nas quais os participantes pedem a intercessão divina para que se tenha um bom inverno.⁶ A procissão configura-se, nesse sentido, como uma mobilização coletiva, cujo objetivo caminha em direção à busca de segurança dos sujeitos sociais envolvidos.

Além dessa estratégia, é comum em muitos espaços a realização de “experiências” para predizer o tempo vindouro. Na segunda parte dessa narrativa, aprofundaremos essa discussão em torno de uma comunidade rural no município de Barra de Santana, PB. Na literatura dita regionalista, percebemos muitos ecos dessas práticas, o que indica a historicidade das mesmas. Percebe-se nelas também uma estratégia para amenizar o temor diante do futuro e da desordem que pode ser desencadeada pela estiagem

5 DUBY, Georges. **Ano 1000 ano 2000: na pista dos nossos medos**. São Paulo: Unesp, 1998, p.144.

6 Conseguimos encontrar na web algumas reportagens sobre as secas que remontam a década de 1980. Nelas, dá-se enfoque a essas procissões. Elas encontram-se disponíveis em <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-250545,00.html>.

prolongada. As previsões podem provocar, ao contrário, um efeito de segurança caso os resultados delas sejam positivos.

Em relação à historicidade dessas práticas, a literatura nos fornece muitos exemplos. Numa passagem de *Vidas Secas*, Ramos (1938, p.05) expõe o seguinte sobre Fabiano, o seu personagem principal:

Antes de olhar o céu, já sabia que ele estava negro num lado, cor de sangue no outro, e ia tornar-se profundamente azul. Estremeceu como se descobrisse uma coisa muito ruim. Desde o aparecimento das arribações vivia desassossegado. Trabalhava demais para não perder o sono. Mas no meio do serviço um arrepião corria-lhe no espinhaço, a noite acordava agoniado e encolhia-se num canto da cama de varas, mordido pelas pulgas, conjecturando misérias⁷.

A desordem provocada pelo “mal tempo” parece conduzir o personagem a um estado de desespero, de desassossego, de angústia. Será que uma representação de chuva na narrativa não levaria Fabiano a ter sensações de prazer? Assim, a predição do tempo futuro através da análise das nuvens e do aparecimento de aves tem como objetivo preparar Fabiano para o porvir. Assim, essas experiências, desde que controladas, possuem um efeito positivo, contribuindo para amenizar a angústia. Pensando na positividade da angústia Delumeau (1989) ressaltou que ela é positiva quando estimula o ser a mobilizar-se diante do perigo.

O cenário de representações sobre o clima construído por Queiroz (1930) em *Quinze* parece apontar para o mesmo sentido. As previsões do tempo vindouro são realizadas pelos personagens sob um caótico estado psicológico. Os meses do inverno se aproximam e não há sequer sinais de chuva na natureza. Cogita-se a possibilidade de abrir-se a porteira do curral para o gado ir embora. Com o gado, os vaqueiros também seriam despedidos. A decisão da personagem Dona Maroca é anunciada, mas ainda se deve esperar até o dia de São José (QUEIROZ, 1930).

Conforme a descrição acima, esse estado de agitações, de angústia e de medo é encenado depois que se verifica nas previsões a ausência de chuvas. No entanto, ainda deve-se apelar para São José. Essa “experiência”, como é possível notar, altera o estado de sensibilidade e passa a representar a esperança que nunca se esgota em relação à desordem que se enuncia nas imagens de estiagem que parece dominar aquele cenário. Notamos que em paralelo às imagens de dois tempos naturais, de seca e de chuvas,

7 RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 23 ed. São Paulo Martins, 1969.

correm também dois estados psicológicos captados nas sensibilidades dos sujeitos envolvidos: medo e esperança, temor e desejo. Quanto a esses dois sentidos, Delumeau (1989, p.26) afirma que: “como o medo a angústia é ambivalente. É pressentimento do insólito e espera da novidade; vertigem do nada e esperança de uma plenitude. É ao mesmo tempo temor e desejo”.

De maneira diversa das narrativas citadas, mas apontando os efeitos psicológicos das secas na vida econômica dos nordestinos, Albuquerque Jr. (1985, p. 72) expõe o seguinte:

Esta desorganização econômica quebrava também os vínculos políticos; até mesmo psicologicamente significava uma desorganização tal do mundo destas pessoas, que era comum a loucura entre retirantes. A fome endêmica era substituída pela epidêmica e as doenças, pela subnutrição, ceifavam muitas vidas. (...) Era de se esperar, por consequência, que esses homens, premidos pela fome, ‘perdessem o juízo’⁸.

Na análise desse autor, como é notório, as secas não causam apenas um estado de caos, de desorganização econômica, mas também outros efeitos daí advindos: políticos, de saúde e de morte.

Vemos certa verossimilhança entre o que foi exposto nos diversos escritos apresentados e a representação construída por Patativa do Assaré no poema *A Triste Partida*. Em sua composição, notamos algumas expressões que parecem apresentar-se como um grito de desespero dos nordestinos em busca da chuva: atentamos para o seguinte trecho: Setembro passou / Outubro e novembro / Já tamo em dezembro / Meu Deus, que é de nós? / Assim fala o pobre / Do seco Nordeste / Com medo da peste / E da fome feroz. (ASSARÉ, 1986).

O uso de expressões tais como “Meu Deus, que é de nós?” ou na interpretação musical de Luiz Gonzaga para o poema, o acréscimo das expressões “Ai, ai, ai, ai” e “Meu Deus, meu Deus” à letra, torna o cenário ainda mais dramático. Diante da situação, do caos que é exposto, a única esperança está na fé em Deus e nas diversas “experiências” que são realizadas para predizer o tempo vindouro. No poema, que ganhou tons musicais, o repertório de “experiências” expõe à longa espera pelas chuvas, a trajetória de sofrimento, “de medo da peste da fome feroz”. O domínio do medo é, portanto, a marca desta escritura.

8 ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. “A fome Retira o Juízo”: Seca e Conflitos Sociais no Nordeste. Campina Grande, *Grão* n. 4, p. 57-80, 1985.

Percebemos que as marcas dessa representação também estão expostas em outras narrativas e que elas são utilizadas, inclusive, para dar identidade aos sujeitos sociais de um determinado espaço. Exemplificando este último caso, encontramos ressonância nas obras de Mariano Neto (1999) e Gaudêncio (1984). Ao definir o Cariri com inúmeras representações, Gaudêncio dedica uma parte especial de sua escrita ao “inverno e seus mistérios”. Nela, o autor enuncia muitas práticas que são realizadas para predizer o clima. Segundo Gaudêncio (1982, p.52) “O nosso povo [do Cariri] é por demais crédulo, principalmente no meio rural, onde todos são socorridos pelos santos, rezas e mezinhas. Uma das preocupações do caririzeiro é saber se para o ano vindouro choverá”.

Dois aspectos dessa fala nos chamam atenção: o primeiro são as rezas e o segundo as próprias previsões do tempo, pois, apesar de separadas nessa fala, Gaudêncio não as exclui. Ao contrário, mostra *a posteriori* que várias “experiências” para prever o tempo estão associadas aos dias santos, como as realizadas no dia de Santa Luzia e no dia de São João. Isso nos indica possivelmente que o Santo ou a Santa estabelecem um nexo com a prática e com a fé de quem a realiza, formando-se daí uma tríade para obter-se uma resposta concreta para o tempo vindouro. É bom lembrar que o dia de São João significa para muitos agricultores um dia de fartura, de comemoração à colheita daquele ano. A previsão realizada (detalharei essa prática adiante) é usada, portanto, para predizer o tempo do próximo ano.

No entanto, segundo o referido autor, a primeira tentativa de predizer o tempo vindouro pelo caririzeiro é na passagem do ano, exatamente às vinte e quatro horas, quando se analisa as nuvens à Leste. Se houver sinais de chuva naquele momento, o inverno será bom (GAUDÊNCIO, 1984). Ora, a transição de um ano para o outro é, para muitos, uma passagem especial, que serve para renovar esperanças. Assim, essa previsão pode ter também esse significado e associar-se, portanto, a esta sensibilidade.

Apesar de narrar às práticas de predição do tempo vindouro a partir de generalizações, como se todos os caririzeiros fizessem as mesmas previsões, Gaudêncio acaba nos fornecendo dados importantes a respeito dessas representações do tempo, cujos significados estão envoltos de sensibilidades, de medo e de esperanças.

Percebendo para além dessas “experiências”, que ainda são utilizadas no presente, elas podem servir de referência para, num sentido retrospectivo, pensarmos sobre as inúmeras estratégias que foram construídas por diversos grupos humanos ao longo do tempo para amenizar seus temores diante dos perigos, afim de que a ordem, em diversos

espaços, prevaleça sobre o caos e a vida prevaleça sobre a morte. Elas fazem parte, pois, de um conjunto de práticas que compõem os fios de uma história do medo. Pensando assim, não é de nosso interesse construir uma hierarquia para o medo no Ocidente, mas sim, reconhecer as inúmeras estratégias que os sujeitos sociais construíram para lhe dar com as diversas formas nas quais ele aparece. Se, no Nordeste, uma das estratégias está nas previsões do tempo vindouro, os antigos gregos, por exemplo, taticamente divinizaram Deimos (o temor) e Fobos (o medo) como forma de conciliar-se com eles. Isso porque segundo Delumeau (1989, p. 21):

Os antigos viam no medo um poder mais forte do que os homens, cujas graças, contudo podiam ser ganhas por meio de oferendas apropriadas, desviando então para o inimigo sua ação aterrorizante. E haviam compreendido – e em certa medida confessado – o papel essencial que ele desempenha nos destinos individuais e coletivos.⁹

Essa estratégia de amenizar os perigos foi fundamental não só aos gregos, mas também a outros grupos sociais. Entendemos que o repertório de práticas de predição do tempo vindouro possui no espaço rural nordestino um papel fundamental nesse sentido. Encontramos, assim, nessas escrituras, representações que também fundam as previsões do tempo vindouro na comunidade Retiro, que serão analisadas a seguir.

Fios que tecem uma memória do medo na comunidade Retiro: os saberes do clima e suas representações.

Antes de falar sobre as sensibilidades que regem a construção de diversas imagens e representações sobre o medo na comunidade Retiro – Barra de Santana – PB, faz-se necessário algumas considerações sobre a materialidade desse espaço, uma vez que contribui para conectar o leitor entre práticas e representações, sem destituí-lo, entretanto, de um cenário material sobre o qual se edifica a memória do lugar.

Gostaria de chamar a atenção, dentro disso, também para as condições econômicas e naturais do Retiro, que, interligadas, contribuíram nesse espaço para a construção de determinados saberes sobre o clima, inseridos nas previsões do tempo vindouro. No que se refere à temporalidade, não faremos aqui um recorte específico, pois não encontramos nas falas dos moradores um ponto fixo, uma gênese para a utilização dessas práticas. No entanto, privilegiamos em nossa análise os anos pós 1992, quando

9 DELEMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1500 – 1800**, Uma Cidade Sitiada. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p.672.

os habitantes do Retiro passaram a ter acesso a mais um tipo de previsão do tempo: as previsões meteorológicas fornecidas pela televisão.

Na história da formação do Retiro enquanto comunidade se encontra as bases de uma história que também pode ser fundamentada nos domínios do medo. Isso pode ser explicado pela dependência histórica dos moradores em relação às chuvas, já que a sobrevivência no local sempre girou em torno da agricultura e da criação de animais, atividades que dependem de condições pluviométricas favoráveis.

De acordo com os depoimentos do Senhor Sólon,¹⁰ o Retiro começou a ser ocupado por volta de 1910, quando um vaqueiro denominado de João Travassos deixou a sua residência no sítio Serrinha e se estabeleceu no local. Segundo ele, antes da chegada desse primeiro morador nesse espaço: “Essas vargens por aí afora (...) até sair lá no poço, daqui até chegar na divisão de Zé Preto, isso aqui era uma mata tão grande que fazia medo, era tanta baraúna nesse vajado que era peitando uma na outra viu! (...)”.

Analisando o depoimento acima, percebemos que o orgulho ostenta a fala do narrador, que identifica o seu avô João Travassos como uma espécie de mito fundador do Retiro; alguém que teve que “domar” a natureza para lhe “dar vida”. Em outras passagens de sua narrativa, o Senhor Sólon nos informa de que João Travassos veio ao lugar com a incumbência de cuidar da criação de caprinos de seu patrão, comprando logo depois as terras e os animais que lhes pertencia, concretizando a sua missão de fundador. Alguns valores positivos podem ser extraídos do depoimento: João Travassos deixou de ser vaqueiro para se tornar dono de seu próprio negócio, inclusive, de uma quantidade considerável de terras e uma casa. Nota-se no depoimento a valorização do esforço e o mérito do trabalho.

Ainda de acordo com Sólon Travassos, nos anos seguintes, outros descendentes desse primeiro morador fincaram raízes no Retiro, que foi se constituindo como comunidade.

A partir das falas dos moradores do Retiro, notamos que a memória do lugar, talvez pela dependência das chuvas – associada às atividades econômicas praticadas – também está anexa ao problema das secas. A espera das chuvas levou os moradores, historicamente, a construir determinadas práticas de previsão do clima a partir de sinais emitidos pela natureza, visando-se através delas a identificação do tempo vindouro. Isso foi construído por meio de uma relação bastante íntima entre os

10 Entrevista concedida ao autor em 29 de março de 2008.

moradores da comunidade e a natureza. Nesse sentido, para os habitantes do Retiro, pensar o clima significa interpretar os signos, os sinais emitidos pela natureza e ir construindo um conhecimento sobre o clima que é repassado às gerações. Os moradores do sítio Retiro, na sua maioria composta por agricultores, viveram durante muito tempo praticando essa “meteorologia.” Faz parte da vida dos agricultores também conhecer o clima, saber sua história e fazer previsões. Os anos de chuva e de secas estão relacionados à história do clima e integram também a história do Retiro.

Mas, ao lado dessas previsões, os moradores desta comunidade passaram a contar, a partir de 1992, com o auxílio das previsões meteorológicas fornecidas diariamente pela televisão. A chegada da energia elétrica no Retiro possibilitou diversas mudanças no cotidiano dos moradores. Gradualmente, eles passaram a aparelhar-se com meios de informações mais modernos, como a televisão. Isso tornou possível o acesso a múltiplas informações, entre as quais as meteorológicas, fornecidas diariamente nos telejornais.

A partir de 1992, configurou-se na comunidade um diálogo, ou muitas vezes uma disputa entre dois saberes. De um lado, os saberes tradicionais, usados pelos moradores a partir de suas relações estabelecidas com a natureza. Do outro, os saberes científicos, acessíveis por meio dos boletins meteorológicos. É notório que um conjunto de diferenças separa o saber meteorológico do saber tradicional sobre o clima. A origem disso encontra-se nos próprios meios de produção desses saberes. Para marcar essa diferença, faz-se o uso de linguagens bastante diversas para esses dois tipos de previsão do tempo: enquanto nos enunciados meteorológicos, usam-se termos como umidade relativa do ar, temperatura em graus Celsius, massas de ar, precipitações, zonas de convergência, etc., captados e analisados através de instrumentos ultramodernos, nas previsões tradicionais utiliza-se um vocabulário bastante peculiar como barras de Natal, barras do ano, círculo na lua, floração das árvores, comportamento das formigas, etc. Através dessa ótica, percebe-se que, diferentemente do lugar de produção do saber científico, os moradores do sítio Retiro utilizam caminhos outros para elaborar suas previsões. Para tanto, apropriam-se de um vasto repertório de sinais presentes na natureza e outras “experiências” simples para prever os fenômenos atmosféricos, entre eles o clima. O conjunto dessas “experiências” forma os saberes tradicionais sobre o clima nessa comunidade rural. (ARAÚJO, 2009).

Apesar de haver uma convivência dos agropecuaristas da comunidade Retiro com o saber tradicional e com o saber meteorológico, fica claro que existe uma distância maior dos moradores em relação a uma cultura dita “científica”, elaborada longe de suas

práticas “populares”, o que não impede a apropriação desses saberes. Entendemos que a meteorologia no Retiro passou a ser um recurso a mais para se prever as possibilidades do tempo futuro. No que se refere às representações “populares” acerca do clima, elas se edificaram dentro de um vasto ambiente cultural e se associam a tradições orais, as sensibilidades que envolvem as previsões, principalmente o medo das secas a partir de um contato profundo com a natureza que se tornou um ambiente inteligível para os moradores do Retiro.

Apesar das afirmações e possibilidades anunciadas até aqui, que partem de interpretações das fontes de pesquisa, consideramos nesta prática os limites de qualquer operação historiográfica, mas tentaremos, mesmo assim buscar possíveis respostas para as perguntas e afirmações que fizemos. Diante da impossibilidade de construirmos uma verdade acerca do objeto ao qual nos propomos a investigar, tentaremos chegar pelo menos ao verossímil. Por isso, para demonstrar a pertinência das conjecturas que fizemos acima, gostaríamos de confrontá-las com as próprias falas de alguns moradores do Retiro que praticam as previsões do tempo que foram anunciadas. Gostaria de lembrar que os sujeitos sociais em estudo têm acessos diariamente às previsões meteorológicas fornecidas pela TV. Assim, diante do que foi posto formularei a pergunta novamente: Estão as práticas de previsões do tempo no Retiro fundamentadas em uma possível memória do medo?

Antes de responder a esta pergunta, com forte tendência para afirmá-la, farei uso de alguns fios que tecem uma memória do medo no Retiro. Fundamentado na leitura de alguns especialistas em fontes orais, captamos algumas considerações acerca desse método histórico aplicado à pesquisa. Comungamos aqui com a ideia de Garrido (1992, p. 39), segundo o qual:

Um dos aspectos mais interessantes do uso das fontes orais é que não apenas se chega a um conhecimento dos fatos, mas também à forma como o grupo os vivenciou e percebeu (...). O objetivo dos historiadores que utilizam fontes orais é produzir informações convenientemente contrastadas sobre a estrutura, funcionamento e transformações das sociedades humanas.¹¹

Partindo do exposto e sem nos aprofundarmos nas discussões construídas em torno do uso das fontes orais, que não é nosso propósito maior, não concordamos com a

11 GARRIDO, Joan Del Alcàzar. As fontes orais na pesquisa histórica: Uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 13, n 25/26, p.33-54. 1992-1993.

desqualificação do método oral. Corroborando com Garrido, defendemos a tese de que não há diferenças qualitativas entre uma ou outra fonte histórica. Sendo assim, consideramos que o real não pode ser captado enquanto tal, mas podemos lhe dar formas interpretando as suas representações por meio de fontes diversas. Nesse sentido, entendemos que as falas dos moradores do Retiro acerca das previsões do tempo vindouro correspondem a diferentes formas sensíveis de lhe dar com a realidade vivida. Entendemos, assim, que a mobilização dos moradores do Retiro de diferentes formas é uma forma de representar a realidade e o medo é intrínseco a essas práticas, pois é uma forma de segurança encontrada diante do perigo ao qual o indivíduo se expõe. Relatando a utilidade da “experiência da garrafa d’água” que realiza para prever o tempo vindouro o Senhor Assis, morador de uma comunidade próxima ao Retiro, cogitando as possibilidades de um resultado negativo para a “experiência” expõe o seguinte:

A quem eu disser fica tudo desanimado e acreditano. Eu digo pode jogar a rede que num da tempo! Corta a corda e vai simhora que o ano é ruim e quem tiver gado, muito ou pouco, pode vender que num tem o que cumer não, porque o ano é fraco (...). Quando é bom eu digo a todo mundo! É aí fica todo mundo soltano fuguetão e pegado comigo contente demais!¹²

Percebe-se no depoimento acima a positividade da “experiência”: A expressão “jogar a rede” denota uma reação ao “mal tempo” que se aproxima e se opõe ao estado de imobilidade de quem espera em uma rede o tempo de desfrutar das benesses do “tempo bom” que não vem. A expressão “vender o gado” significa diminuir o rebanho, já que a falta de chuvas provoca também as escassez de alimentos para os animais. Assim, antecipar o tempo vindouro significa, nesse sentido, preparar-se melhor para ele. Vê-se que a realidade do narrador se pauta em duas realidades, configuradas na fala a partir de adjetivos negativos (desanimado, ruim, fraco) e positivos (bom e contente).

Comentando a “experiência” acima, realizada pelo Senhor Assis e outras formas de previsão do tempo vindouro, inclusive as previsões que realiza o senhor Manoel, morador do Retiro relata-nos o seguinte:

A explicação aí é porque as escassez que existe de ano a ano, aí ele faz essa experiência pra o futuro, aquela experiência que ele faz desse ano pra o outro ano é pra saber a dica do ano que vem, mais ou menos como é que vem se traz inverno, se num traz, se o ano é escasso, a experiência é através disso (...) isso é uma curiosidade que o agricultor faz, pra se preparar melhor pra o ano que vem, vamos supor a água transborda; ele já vai

12 Entrevista concedida ao autor em 29 de março de 2008.

*preparar um roçado maior, ele já vai com mais fé, fazer a planta não é? E quando o inverno é escasso ele já fica ali naquela tendência de que nem vai trabalhar muito, que o ano pode num trazer um bom resulta..*¹³

Nota-se que a previsão está associada à escassez, que pode ser de chuvas e de alimentos. Se as positivities das previsões estão anexas às necessidades de preparar-se para o tempo vindouro, é a inquietação, o medo em relação a esse futuro que mobiliza os sujeitos a realizarem as previsões. Encontramos ressonância no que defendemos até aqui com a tese de Durand (2002) apud Silva (2011, p. 74) segundo a qual:

*(...) o processo de elaboração de um imaginário de uma dada cultura ou pessoa é “representar um perigo, simbolizar uma angustia e já, através do assenhoreamento pelo cogito, dominá-los”. Sendo assim, o imaginário do homem não é nada mais do que o processo de domesticação do medo da morte, ou do exorcismo das “faces do tempo”, conforme a terminologia durandiana. Segundo Durand (2002, p. 123), o imaginário é o campo onde a imaginação poderá vencer o tempo, pois enquanto por meio da imaginação se projeta os assustadores “monstros da morte”, ao mesmo tempo “afia em segredo as armas que abaterão o Dragão”. Por outras palavras, o medo é o medo do tempo que a imaginação, de acordo com a sua função de eufemização (Gilbert Durand), visa exorcizar.*¹⁴

Ora, o que seria as secas para os sujeitos sociais do Retiro senão um fenômeno personificado em um grande monstro? Aliás, muito bem conhecido pelos habitantes da comunidade. Um dragão que se infiltra na natureza e de tempos em tempos atormenta os moradores que, se não conseguem domá-lo pelo menos criam formas para amenizar os perigos que correm quando ele aparece. A arma são as previsões do tempo vindouro, formas elaboradas de saber, passadas pelas gerações mais velhas e resignificadas cotidianamente em face das sensibilidades dos sujeitos que as utilizam.

A metáfora do monstro ilustra muito bem a ideia que defendemos no percurso dessa escritura: os símbolos, as representações utilizadas pelos habitantes da comunidade Retiro para dar forma à realidade na qual se inserem, que em tempos de seca vivem o perigo de serem corroídos pela morte. De acordo com os valores morais fincados no mundo do trabalho presentes na comunidade, à morte também se associa à

13 Entrevista concedida ao autor em 28 de Março de 2008.

14 SILVA, Samuel de Sousa. **A mulher, o desejo e o medo**: uma leitura mitocrítica de *As cabeças trocadas*, de Thomas Mann. In: NÚCLEO DE ESTUDOS EM LINGUAGEM, LÍNGUAS MINORITÁRIAS E IMAGINÁRIO – Nelim. O imaginário do medo: caderno de estudos. Goiânia, 2011. Disponível em: yolasite.com/.../Caderno%20de%20Estudos%20Nelim%20%20O%20Imaginário%20do%20Medo.pdf. Acesso em: 12 de outubro de 2011.

derrocada econômica, à falência, que nesse sentido é a morte moral de quem trabalha no campo.

Isso nos leva a indagar se as previsões científicas do clima não seriam mais uma arma contra esse grande monstro que é as secas? A resposta é positiva. Notamos na interpretação das fontes orais que não há rejeições dos habitantes do Retiro a essas previsões, mesmo havendo um olhar crítico dos moradores à correspondência da previsão dos cientistas com a realidade. Diria que os moradores do Retiro, por causa do medo, veem como positivo o recurso à ciência, pois, mesmo com falhas, ela é também uma forma de responder as inquietações diante do futuro. O senhor Valdemar, morador do Retiro, quando interrogado acerca das previsões científicas expôs o seguinte: “Rapaz! Eu acho que eles tão acertando, eu concordo que eles tão no caminho certo sabe? Eles acerta mais de cinquenta por cento, ou setenta por cento eles tão acertando (...) eu não discordo das previsão deles não, eu concordo com elas!”¹⁵.

Na fala do Senhor Valdemar, as expressões “eles tão acertando”, “eles tão no caminho certo” e a junção delas com a proporção apresentada sobre os acertos nos indica que não há uma confiança plena nas previsões. No entanto, notamos que as previsões que os habitantes do Retiro realizam através de suas práticas “populares”, muitas vezes são marcadas por erros. Assim, acaba havendo um nivelamento das práticas. Em relação às práticas tradicionais de previsão do tempo, para o senhor Manoel, as previsões antigamente eram mais confiáveis:

(...) pronto, aí também são coisas que vem dos mais velho, são experiência que já vem dos mais velho, que os mais velho fazia e foram passando pros mais novo e os mais novo foram fazendo e as experiência acontecia, é tanto que com a continuação até hoje e de hoje até quando. Agora que as experiência que sempre se fez e que muitas vezes dava certo hoje num tão dano mais não¹⁶.

Em outras passagens de sua narrativa, o senhor Manoel aponta as falhas das previsões a partir de um olhar crítico e defende que a mais confiável é a “experiência” da “barra de ano”, cuja base está na análise da posição e do tipo de nuvens no lado Leste, na passagem de um ano ao outro.

Assim, nessa e em outras falas, pude notar que as posturas críticas dos moradores do Retiro em relação às previsões tradicionais e meteorológicas fazem parte de uma

15 Entrevista concedida ao autor em 22 de agosto de 2008.

16 Entrevista concedida ao autor em 28 de Março de 2008.

vontade de saber, de um desejo de aprimorar essas práticas para utilizá-las melhor contra uma espécie de grande monstro que é as secas. É, pois uma forma (representação) de controlar também o grande medo das secas.

Considerações finais

Narrativas de fobos e prognósticos do porvir: escrituras de uma história do medo das secas no Nordeste e na comunidade Retiro – Barra de Santana –PB. Este é o título que achamos mais apropriado para a pesquisa que realizamos e para a escrita que fizemos. Partimos de uma história do medo, enfoque ainda pouco explorado pela historiografia, visto que o campo de pesquisa é bastante amplo. Percebemos ao longo do nosso trabalho que a história do Ocidente foi marcada também pelo medo ou por medos, no plural; sentimento que de diversas maneiras foi alvo de distintas tipologias de domesticação. Medo da fome, medo do estranho, do anormal, do adverso, da (des)ordem, da peste, medo das secas, medo do medo. Não importa qual lugar, percebemos que, em diversos espaços e temporalidades, seja em narrativas literárias como os que investigamos ou em depoimentos orais que captamos e interpretamos, este sentimento está presente. Não investigamos o medo das secas com o propósito de colocá-lo em uma hierarquia de outros medos. Fizemos comparações entre épocas, mas a fim de tentar entender as reações sociais diante deste sentimento. Elas foram muitas, mas nem sempre as mesmas.

Encontramos aqui no Nordeste formas particulares que os sujeitos sociais elaboraram para lidar com este sentimento: a realidade vivida é elaborada através signos, imagens, representações. Entre estas encontramos os prognósticos do porvir, ou simplesmente as previsões do tempo a partir de sinais captados na natureza e em experiências diversas. As inúmeras formas de previsão do tempo vindouro formam um vasto repertório de saberes sobre o clima no espaço investigado. Fizemos poucas descrições dessas experiências, mas porque o nosso propósito principal era entender o uso dessas representações sobre o tempo, sobre as chuvas e sobre as secas. Verificamos uma estreita relação das previsões do tempo vindouro com as narrativas de fobos, do medo. Verificamos que existe uma história dessas práticas e que elas não estão presentes apenas nas narrativas literárias do século XX, mas em diversas escritas históricas, em poemas, em tradições orais como é o caso das previsões do tempo vindouro na comunidade Retiro. Mas percebemos também, especialmente nesta comunidade, que

essas previsões do tempo não são estáticas, mas resignificadas, reelaboradas pelos praticantes e algumas delas, inclusive, rejeitadas. Entendemos que os olhares críticos dos moradores da comunidade acerca dessas práticas fazem parte de um desejo de saber e de uma vontade de poder, de antecipar o tempo que está por vir para amenizar a angústia, o medo do que virá no futuro. Alguns moradores do Retiro, na tentativa de dominar, de domesticar o medo das secas aceitaram inclusive na comunidade um saber estranho: às previsões meteorológicas transmitidas diariamente pela televisão.

Reconhecemos os limites dessa escrita, as delimitações do espaço e das fontes não foram suficientes para uma investigação mais ampla. No entanto, lançamos as possibilidades e o desafio de outras escritas acerca dessa temática, pois os historiadores nunca partem do nada, mas sempre de algo que já foi escrito, mais das dúvidas do que das respostas. Essa é apenas uma prática historiográfica de muitas possíveis. O desafio está lançado, espero que tenhamos resultados positivos.

Bibliografia:

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. “A fome Retira o Juízo”: Seca e Conflitos Sociais no Nordeste. Campina Grande, **Grão** n. 4, p. 57-80, 1985.
- _____. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 2009. 340 p.
- _____. O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades. **Revista Eletrônica Boletim do Tempo**, Ano 4, N° 19, Rio, 2009.
- ARAÚJO, João Paulo Karol Guerra. **Das previsões tradicionais aos prognósticos científicos**: Os saberes sobre o clima na comunidade rural Retiro, Barra de Santana – PB. Monografia. (Graduação em Licenciatura Plena em História). Departamento de História e Geografia. Campina Grande: UEPB, 2009. 41 p.
- ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá. 6ª ed. Crato, Fundação Ibiapina / Instituto Cultural do Cariri / Editora Vozes, 1986.
- BOCCACCIO, Giovanni. Decamerão. Belo Horizonte: Itatiaia Editora, 1956. 802 p.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002. 352 p.
- DUBY, Georges. Ano 1000 ano 2000: na pista dos nossos medos. São Paulo: Unesp, 1998.144 p.
- CHAUVEAU, Agnes. **Questões Para a História do Presente**. Bauru, SP: Edusc, 1999.136 p.
- COSTA, José Jonas Duarte da. Seca, Pobreza e Desertificação na Paraíba. **Saeculum – Revista de História**. João Pessoa, n. 8/9, p. 117-142, jan/dez./2002 – 2003.
- DELEMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**: 1500 – 1800, Uma Cidade Sitiada. São Paulo: Cia das Letras, 1989.672 p.
- GARRIDO, Joan Del Alcàzar. As fontes orais na pesquisa histórica: Uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 13, n 25/26, p.33-54. 1992-1993.
- GAUDÊNCIO, George de Queiroz. **Como é o Cariri**. 2 ed. João Pessoa: Estante, 1984.

- LADURIE, Emannel Le Roy. O Clima: a História da Chuva e do Bom Tempo. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História. Novos Objetos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988. p.11-32.
- MARIANO NETO, B. **Ecologia e Imaginário nos Cariris Velhos do Paraíba: memória cultural e natureza no cerimonial da vida**. Dissertação. (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – João Pessoa: UFPB, 1999.167p.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 23 ed. São Paulo Martins, 1969.175 p.
- SILVA, Samuel de Sousa. **A mulher, o desejo e o medo: uma leitura mitocrítica de *As cabeças trocadas*, de Thomas Mann**. In: NÚCLEO DE ESTUDOS EM LINGUAGEM, LÍNGUAS MINORITÁRIAS E IMAGINÁRIO – Nelim. O imaginário do medo: caderno de estudos. Goiânia, 2011. Disponível em: gepai.yolasite.com/.../Caderno%20de%20Estudos%20Nelim%20%20O%20Imaginário%20do%20Medo.pdf. Acesso em: 12 de outubro de 2011.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 132 p.
- _____. **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. 262 p.
- _____. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Debates, 2006, [En línea], Puesto en línea el 28 janvier 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acesso em: 12 de outubro de 2011.